PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM GERONTOLOGIA

FLORA RICCIOPO KARAT

# Um olhar sobre o tempo no envelhecimento

.

São Paulo

2019

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM GERONTOLOGIA

PUC-SP

FLORA RICCIOPO KARAT

# Um olhar sobre o tempo no envelhecimento

.

Trabalho apresentado à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Gerontologia.

Área de Concentração: Gerontologia Social.

Linha de Pesquisa: Gerontologia: teoria e métodos.

Orientadora: Profª. Drª. Ruth G. da Costa Lopes.

São Paulo

2019

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos a reprodução total e parcial desta dissertação de mestrado, por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____

Data: ____/____/_____

E-mail: _____

Ficha Catalográfica

KARAT, Flora Ricciopo

Um olhar sobre o tempo no envelhecimento. Flora Ricciopo Karat; orientadora Profª. Drª. Ruth G. da Costa Lopes.

São Paulo: PUC-SP, 2019.

Dissertação de Mestrado – Programa de Pós – Graduação em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Área de Concentração: Gerontologia Social.

1. Envelhecimento; 2. Tempo; 3. Tempo vivido; Subjetividade.

**Flora Ricciopo Karat**

# Um olhar sobre o tempo no envelhecimento

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em Gerontologia Social, na Área de Concentração Gerontologia Social.

Aprovada em: ____/____/_____

BANCA EXAMINADORA

_____

_____

_____

Gostaria de manifestar meus agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – **CAPES,** pela bolsa de estudos concedida para a realização desta pesquisa. Sem este apoio não seria possível a concretização deste mestrado junto à riqueza de saberes que o – Programa de Pós – Graduação em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) nos oferece.

*In memoriam*

Dedico este trabalho às minhas avós, Martha Silva Ricciopo e Júlia Cambraia, que me deixaram para cada tempo vivido a persistência de seguir um caminho de buscas, de sonhos e de coragem, das quais me direcionam como um barlavento que guia um veleiro a navegar sobre a imensidão do mar.

Livre é aquele que pode escolher o seu próprio opressor. Os portais dos cárceres interiores não são feitos de grades de ferro e sim de desesperança. Libertem para serem livres. Rompam as correntes das sombras que lhes fizeram escravos de si mesmos.

(Carlos Buby)

# AGRADECIMENTOS

Inicio meus agradecimentos aos idosos e idosas que fizeram parte da minha trajetória profissional. Através do brilho dos seus olhos me encanto a cada dia e sigo na busca para desvendar o que de mais criativo existe dentro de cada um.

À Profas. Dras. Delia Goldfarb, Nathália Alves Barbieri e Mayra Peixeiro, que me apresentaram ao universo do acompanhamento terapêutico de idosos, e que deram início a essa minha trajetória de busca sobre o envelhecimento na prática clínica.

À minha orientadora do mestrado, Profª. Drª. Ruth G. da Costa Lopes, que pôde me acompanhar na escolha de um tema.

À Profª. Drª. Flamínia Lodovic que, com sua maestria, sua percepção sutil, e seu afeto, me acolheu e encontrou em mim o que de melhor eu escondia, teve a leveza de ouvir dentro de mim o que eu não dizia, e ler sobre o meu dito sem precisar escrita.

Antonio Fernando Gouvêa da Silva, meu tio, que, com sua competência e paciência, soube acatar minhas angústias e transformá-las em saberes; à minha tia, Valéria Cambraia Karat, por decifrar o que meus sentimentos explicitavam na minha escrita, por compartilhar o sentimento de mãe/avó que temos em comum; ao meu primo Luiz Cambraia Karat Gouvêa da Silva, por sua capacidade de tornar o impossível em possível, o de me acolher nos momentos de desconforto acadêmico.

Aos professores que ao longo da minha trajetória acadêmica demostraram aspectos imprescindíveis, não só referentes ao envelhecimento, mas também no âmbito humano frente a uma sociedade que se utiliza de princípios que não privilegiam o sujeito em sua peculiaridade.

Aos meus colegas profissionais que, ao longo da pós-graduação, compartilharam saberes e experiências indispensáveis para a minha trajetória, que me motivaram a ter garra e persistência com os princípios que carregamos. Em especial, à querida amiga Isadora Nobre, e que me inspirou e me inspira a seguir o caminho dos nossos sonhos, que para isso basta saber ouvir com o coração.

Aos meus familiares:

Cristina Martha Silva Ricciopo, minha mãe que, assim como o mastro de um veleiro, sempre me ensinou a navegar usando o vento forte como oportunidade, e que para isso bastaria saber que direção tomar, sabendo,

entretanto, que, mesmo nas águas claras do mar, podemos nos deparar com pedras a desviar;

Maurício Cambraia Karat, meu pai, que me ensinou que, por mais maura que seja a maré, a embarcação pode virar, mas sempre voltará à superfície em busca de um horizonte, bastando para isso compreender o tempo junto à correnteza;

Por fim, e com a mesma importância, agradeço aos *mestres* que me inspiram, me intuem, me acolhem, em cada ensinamento que busco. Que eu possa transferir o pouco do saber que eles me inspiram. Obrigada.

# RESUMO

KARAT, Flora Ricciopo. *Um olhar sobre o tempo no envelhecimento*. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Programa de Estudos Pós – Graduados em Gerontologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

Este trabalho propõe trazer ao leitor uma nova perspectiva do tempo, que ultrapasse o modelo linear e objetivo presente na experiência do passar dos anos contido na cronologia temporal. Esta outra visada propõe compreender o tempo a partir da consciência que se tem das vivências subjetivas, na relação do sujeito com o mundo interno e externo a si. Explorando este núcleo no plano da consciência, pretendemos investigar como essa dialética do tempo objetivo junto ao subjetivo pode interferir na vida do sujeito que envelhece.



Palavras-chaves: Envelhecimento; Tempo objetivo; Tempo vivido; Subjetividade.

# ABSTRACT

KARAT, Flora Ricciopo. *A look at the experience of time in aging*. Dissertation (Master in Gerontology) - Postgraduate Program in Gerontology, Pontifical Catholic University of São Paulo, São Paulo, 2019.

This work aims at bringing the reader a new perspective of time, beyond the linear and objective models presented by the experience over the years, restrained to the chronological time. This new outlook aims at understanding time from the point of view of the consciousness of the subjective experiences, in the relationship between the inner and outside world of the Self. By exploring this core of the consciousness level, I intend to investigate how the dialetic of time may interfere objectively and subjectively in the life of the aging individual.



Key words: Aging, Objective time, Lived time, Subjectivity.

**SUMÁRIO**

**Introdução**.....13

A presença do tempo.....14

Tempo da angústia.....19

Dos tempos ao tempo.....22

**Capítulo 1. O cenário sobre o possível envelhecer**.....26

O envelhecer como um caminho.....31

**Capítulo 2. O tempo a partir de diferentes olhares**.....35

Concepções sobre o tempo.....36

**Capítulo 3. Percursos de descoberta dos tempos**.....48

3.1. O caminho.....49

3.2. Cenas do encontro aos tempos.....52

3.2.1. Primeira cena: o tempo da angústia.....52

3.2.2. Segunda cena: o tempo da espera - O deslumbre sobre possibilidades.....53

3.2.3. Terceira cena: o tempo da vida presente - Do reencontro ao desconhecido.....54

3.2.4. A união do tempo às vivências.....56

**A presença de outro em mim mesmo**.....57

**Referência bibliográfica**.....61

# INTRODUÇÃO

## A presença do tempo

Por onde começar? Como pensar sobre a temática da temporalidade se este fenômeno que nos influencia diariamente não deixa pistas para a sua compreensão? Como conceber que um fenômeno que se apresenta de forma distinta pode nos influenciar de formas heterogêneas?

O fato de estarmos sujeitos a envelhecer a cada instante serve como prova de que somos invariavelmente mutáveis. Nossa pele, nossa respiração, nosso cansaço, a contagem das horas, dos minutos e dos segundos anunciam esse movimento, mas, afinal, de que tempo estamos falando quando discorremos sobre a passagem dessa trajetória diária que nos influencia?

A urgência dessa compreensão surgiu a partir de uma insatisfação ao perceber que a sociedade atual vive a passagem do tempo apenas de forma calculada entre o passado, o presente e o futuro, sem validar as consequências que esse padrão linear pode alcançar em longo prazo.

Pus-me a pensar sobre como cada sujeito, independentemente da idade, poderia vivenciar a passagem desse tempo. Para compreender essa vivência não me ative a pensar no tempo apenas como uma linha cronológica de começo, meio e fim, mas, sim, nos aspectos significativos que poderiam compor em cada instante alguma dessas passagens do tempo.

Para mim essa percepção se deu na relação próxima com meus familiares. Dedico-me aqui à reflexão sobre os papéis que minhas avós, paterna e materna, tiveram na construção do meu interesse pelo tema envelhecimento.

Do lado paterno, minha avó, com descendência espanhola, carregava traços de personalidade forte. Dona Júlia, traz o lado feminista que carrego na busca dos meus próprios direitos, visto que, na contramão dos rótulos colocados em sua época, viveu o abandono familiar após a tomada de decisão de separar-se do meu avô, por não querer sujeitar-se a palavras rudes e maus tratos.

Deixou como legado um amor obscuro e contido. O afeto era algo que pouco se manifestava como se houvesse uma carcaça rígida que a bloqueasse a se envolver afetivamente. Eram poucas às vezes em que nos encontrávamos

devido a sua rotina solitária. O que nos atraía de verdade era a jogatina de buraco.

Em 2008, sofremos um acidente de barco que lhe provocou uma fratura no crânio deixando-a com sequelas neurológicas as quais deram início a outras complicações físicas. Nesse dia ficou aos meus cuidados um relógio que carregava. Naquela semana de angústia sobre seu estado de saúde, pude sentir o tempo que faltou na nossa relação, o tempo que passou sem estarmos juntas, o tempo que eu queria que voltasse de suas risadas e gírias acompanhadas por xingamentos, parte substancial do seu vocabulário. Naquela semana queria que aqueles ponteiros voltassem ao invés de seguirem em direção à próxima hora. Queria que aquele relógio não tivesse ponteiros que me alertassem sobre a passagem do tempo.

Passados alguns dias, ela melhorou e pude entregar de volta seu relógio, mas com um pedido de que fosse deixado para mim como herança. Não consegui expressar tudo que senti nesse período, mas corri no tempo para tentar resgatar a proximidade que com ela não tive, pude perceber que existia um encanto sobre um não dito da nossa relação.

Seu estado de saúde passou por diversas recorrências de AVC´s e, aos poucos, ela foi entrando em um estado de demência. Sabíamos que logo nos despediríamos. Quando voltou ao hospital, pudemos ficar um período a sós e, mesmo sem ter um retorno da sua fala – estava há muito afásica - , sabia que sua consciência estava preservada e pude compartilhar o carinho, o cuidado e o amor que sentia, até que, com muito esforço, ela conseguiu expressar em palavras o amor que estava guardado a meu respeito. Passados alguns dias ela partiu, deixando comigo a semente da guerreira que foi.

O relógio ficou como um laço atemporal que nos atrela, vínculo que se constituiu forte nos seus últimos dias, como se a morte não interferisse nesse tempo do passado e nem no tempo do futuro.

Diria que naqueles dias junto a ela, pude ver segundos que não seguiam, e horas que pareciam saltar nos ponteiros. Pude descobrir um amor incondicional que no passado se camuflou, mas que a cada dia floresce quando a tenho na memória.

O fato de o relógio ser um objeto de marcação cronológica me fez pensar nas diferentes visões que essa linearidade do tempo pode ter na

vivência de cada um. Uma linearidade que, ao mesmo tempo em que parece ser tão pontual e imutável, naquela semana se mostrou tão acelerada e descompassada. Que linearidade seria essa que em determinadas situações se consolidava de forma ora acelerada e ora retardada? Que tempo seria esse que, mesmo com marcas de ponteiros, pareciam ser tão mutáveis?

Esse relógio passou a significar algo muito maior que os ponteiros podem informar. Levou-me a uma reflexão sobre a qualidade e a subjetividade que um tempo pode ter nas nossas vivências e histórias.

Do lado materno, herda as características *caipiras*. Do interior de São Paulo, Mococa, dona Martha, me transmitiu outro prisma sobre o tempo. Em sua cidade, na época bucólica, movia-se para educar crianças na roça. De jipe, ou a pé, atravessava rios pela educação, com sua personalidade brava, mas com uma delicadeza ímpar que contagiava a todos. O Outro era seu objetivo de vida. Desde jovem se doou aos outros, até que em determinado momento esqueceu-se de si mesma. Aos 63 anos os primeiros sintomas do Alzheimer apareceram.

O que dizer de uma doença que afeta, principalmente, as lembranças e memórias do tempo que se foi? O que dizer de uma doença que trai a lógica cronológica da vida e faz esquecer os acontecimentos do passado, mas que preserva o brilho e a emoção das vivências do presente?

Na época, não tinha muito conhecimento do que era o Alzheimer. Só percebi que o cuidado que dedicava aos outros estava sendo interrompido pela confusão dos esquecimentos. O bolo de cenoura já não era mais o mesmo - agora era necessário olhar uma receita, seu marido passou a ser o seu “pai”. Muitas coisas começaram a mudar em relação ao seu posicionamento e suas atitudes. Os nomes já não eram mais lembrados, mas como não tinha nenhum conhecimento sobre a doença, achava que esses sintomas seriam algo passageiro, que era uma questão de tempo sua memória voltar ao normal.

Aos poucos fui percebendo que suas complicações aumentavam, e a cada dia a troca do papel de cuidados se invertia. Agora os outros tinham de se mover para auxiliá-la. Passei a compreender mais sobre a doença e pus-me a observar suas alterações.

Entrei para a graduação em Psicologia e, até então, nada me levava para o estudo sobre o envelhecimento, mas algo me desafiava a entender o

mecanismo do que ocorria com minha avó. Aos olhos da família ela estava indo embora, tinha desistido de viver. Para mim ela estava apenas vivendo o que deixou de viver de si em prol dos outros. Agora tinha a liberdade fornecida pelos esquecimentos que a traziam para seu lado criativo e espontâneo ao dizer o que queria, ao ficar onde tinha vontade, ao rir quando se animava e ao estar onde lhe viam bem.

Esse entendimento me deixou mais tranquila para auxiliá-la no que podia. A leitura deste seu momento me aproximou dos caminhos do envelhecer. Olhava sua pele, suas expressões, suas reclamações, seus olhares, sua forma de comer calmamente, sua velocidade de pensar e falar. E ali percebi que o envelhecimento me encantava.

Em 2012, com o avançar do Alzheimer, novos desafios se colocavam. Concomitantemente, cursava o quarto ano de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica – PUCSP. A fim de achar alguma resposta, cursei o núcleo Atuação do Psicólogo em Instituições de Saúde, coordenado pela Profª. Fernanda Gouveia Paulino. O estágio dessa disciplina se deu com intervenções grupais envolvendo a temática Doença de Alzheimer e suas repercussões. Eram realizados atendimentos aos idosos diagnosticados com a doença, com orientação aos cuidadores familiares ou profissionais desses pacientes.

Na época, coordenava um grupo de aproximadamente dez senhoras com diferentes níveis da doença. No convívio semanal, duas conclusões me encantaram: a primeira, de que podemos perder a memória dos fatos, mas nunca deixaremos de sentir através das memórias emocionais; e a segunda, de que nunca precisaremos de palavras para nos comunicar. Esses dois aspectos se tornaram sementes no desafio diário no trato com o envelhecimento. Perguntava-me como um profissional que trabalha com esse público poderia interpretar a sensibilidade existente no tempo vivido, revelado em cada história desses pacientes em processo demencial.

Após o estágio dei continuidade à busca pelo universo do envelhecer. Cursei Acompanhamento Terapêutico-AT, porém não conhecia sua aplicação a idosos. Na II Jornada de Acompanhamento Terapêutico no Envelhecimento: Envelhecimento e Loucura, sob a organização do grupo Ger-Ações – Pesquisa e Ações em Gerontologia obtive o primeiro contato com essa abordagem. Em seguida, dei início ao acompanhamento do Grupo de Estudos sobre o

Envelhecimento, coordenado pelas psicólogas Natália Alves Barbieri e Maíra Humberto Peixeiro.

O grupo inicialmente era composto por uma socióloga e psicólogas com diferentes abordagens. Nele questionávamos textos e temas que pudessem contribuir para a clínica do acompanhamento terapêutico a idosos. Com o objetivo de compartilhar com os pares, participamos da mesa A Vida Circula no Encontro: Casos de Acompanhamentos Terapêuticos de Idoso com o eixo temático: Trilhas Intergeracionais: na Construção de Espaços Relacionais, coordenado pelo Prof. Dr. Marco Aurelio Acosta, na XV Semana da Gerontologia / II Simpósio Internacional de Gerontologia Social (2015). Nessa mesa expus, pela primeira vez, a temática do tempo no meu cenário profissional com a apresentação oral de um trabalho cujo título foi *A vivência do tempo para uma idosa.*

Continuei com os acompanhamentos terapêuticos (AT), mas novos rumos surgiram. Por um ano e meio trabalhei em uma escola infantil e achava que estaria indo para um campo oposto ao que havia iniciado, porém, aos poucos, pude refletir que ambos se completavam. No período matutino, a espontaneidade das crianças me colocava em contato direto com os seus desejos, e à tarde tentava encontrar os sonhos que muitas vezes estavam ocultos ou eram perdidos pelos idosos. Ambos precisando de ajuda para traduzir a criatividade pulsante.

Após um ano e meio encerrei o ciclo na educação infantil e passei a me aprofundar na temática do envelhecer. No entanto, as percepções adquiridas nos atendimentos como AT junto à escola infantil, me levaram à reflexão de que a idade cronológica, junto às mudanças físicas e mentais, não seria um fator determinante para a perda do desejo. Tanto no discurso das crianças quanto no discurso dos idosos existia um desejo criativo de almejar novas vivências.

Por este viés, pudemos depreender que o tempo cronológico poderia não se fechar para as experiências e vivências dos idosos. Algo chamava atenção para o descompasso entre a idade e a mente que esse tempo pontua. Nesse momento, soube que havia diferentes possibilidades de olhar o tempo e, portanto, deveria me desconectar do fato de que a idade e a fase da vida interferem na vivência de cada sujeito. Não poderia ficar presa ao cenário da vida do idoso ou da criança para definir como cada um vivenciaria seu tempo

singular de acordo com diferentes perspectivas possíveis. Afinal, que tempo singular ao sujeito seria esse?

**- Tempo da angústia**

Tanto nas vivências junto aos idosos como no convívio com as crianças percebia a existência da dialética entre duas formas de conceber o tempo: o tempo da estabilidade – descrito por Parmênides, como o tempo cronológico que se obtém pelo raciocínio lógico; e o tempo da transformação – que, conforme Heráclito, é regido pelas mutações e instabilidades dos acontecimentos, em que tudo se dá de forma dinâmica.

Ao se falar de vivências pessoais como uma verdade relativa, torna-se impossível haver regras que se fecham em raciocínios lógicos, partindo do princípio de que cada indivíduo tem uma percepção singular do que vive a cada instante.

Caetano Veloso, com sua sutileza poética, descreve a relação que construímos com o tempo ao longo da nossa vida: um encontro de profundidade que vivenciamos diariamente, mas indecifrável por suas múltiplas facetas de percepção e entendimento.

Em meus atendimentos como acompanhante terapêutica de idosos pude avaliar que alguns se viam presos ao tempo cronológico, que os define por suas idades em relação à finitude. É digno de nota que no decorrer do processo de envelhecimento supõem-se múltiplas alterações de caráter fisiológico, cognitivo e social na pessoa idosa. Curiosamente, na maioria dos casos em que fiz o acompanhamento, esse processo é acompanhado por um tempo de angústia diante de desafios complexos, por se priorizar apenas os efeitos negativos do envelhecimento, configurados no âmbito biológico que o corpo sinaliza caminho à finitude. Em busca de superações possíveis para essa angústia, pus-me a questionar sobre de que tempo devemos falar quando se trata do envelhecimento. Seria esse um tema que proporcionaria um caminho para a compreensão da angústia acarretada pela cronologia temporal que vivemos?

A temporalidade regida pelo tempo cronológico ganhava espaço nos momentos em que o discurso remetia a uma ótica negativa. Em certo momento vi-me guiada somente por um tempo de lembranças de um passado repleto de possibilidades, e de um futuro à espera da morte.

Com a inquietação de encontrar uma vivência diferente dessa ótica propus-me a observar nos gestos, nas vozes, nas falas, respostas que trouxessem alguma afirmação no presente, saindo da desesperança pelo vivido e pelo futuro. Tinha em mãos a principal ferramenta que podia resgatar essas vivências: a escuta, uma escuta que se dará para além do apenas ouvir, mas no sentido de compreender que todos os momentos relatados traziam conteúdos repletos de significados de suas vivências, do que se propunham a abrir. Sabia que quando estava realmente disposta a saber daquelas histórias ficaria convicta da completude que aquelas frases traziam sobre aquela pessoa. O que contava não era apenas uma lembrança do passado, mas uma pista para a consciência de si mesmo que estava por vir em cada um dos sujeitos atendidos.

Cabia nesses momentos estar aberta a ouvir todas as percepções que aquele sujeito trazia, não como um tempo linear dos fatos, mas como parte do presente que deveria ser reconhecido. As legitimações dessas vivências vinculadas ao presente aconteciam em momentos de choro em relação aos lutos vividos, nas risadas de um corpo que já não tinha mais equilíbrio, nas angústias vinculadas ao esquecimento.

Autenticar esses momentos implicaria em viver a ambiguidade existente na dialética do tempo linear junto ao tempo de vivências, em ouvir os receios que a idade impunha junto à finitude, junto a múltiplos desejos que pareciam estar à espera de ser realizados.

**- Dos tempos ao tempo**

Essas conversas serviram para me sensibilizar sobre outra percepção do tempo: um possível núcleo sadio do tempo da vivência parecia ser um caminho para o bem estar daquelas idosas.

Explorar esse núcleo no plano da consciência entre a dialética dos tempos é o que me atrevo neste trabalho; não com a proposta de classificar uma nova representação possível das vivências, mas buscando investigar e caracterizar esse tempo que será nomeado como tempo da consciência encarnada [1]. Consciência encarnada refere-se ao processo em que a noção de apropriação do sujeito se dá, por ser revestida de possibilidades, de novas representações que possam trazer vida, mesmo em uma aproximação com a morte. A morte nesse sentido aparece apenas como um acontecimento, sem ser o impeditivo de experiência vivida.

Na relação com as pacientes atendidas esse anseio pela vida, na maioria das vezes, se refletia a partir do brilho de seus olhos, um brilho que dizia mais do que a fala propriamente poderia refletir, mais do que os gestos poderiam representar. Os olhos ali anunciavam a vitalidade do momento presente.

Essa pulsão de vida, que se tornou perceptível nos acompanhamentos, mostra a existência de uma nova vivência para o tempo em que estamos falando. Pensar sobre as facetas do tempo cronológico representado nos atendimentos trouxe a angústia de observar o aprisionamento como uma das características da linearidade dos fatos. Em seguida, nos próprios acompanhamentos, foi possível refletir sobre a percepção do tempo concebido de forma subjetiva a cada sujeito independente da idade.

Minha busca foi sustentada por teóricos que tentam compreender como o tempo das vivências é representado na consciência. Um momento que

[11] GOLDFARB, D. C. 1997,p.43

mesmo próximo à finitude é carregado de representações e significados que fazem o indivíduo seguir para uma vitalidade que antes não existia.

Partindo da hipótese de que adquirir essa consciência do que é vivido, e de que a consciência encarnada traz ao sujeito uma vivência sadia, pretendo neste trabalho responder à seguinte inquietação: seria possível encontrar na vivência do Cronos - este como o tempo objetivo - o tempo da consciência a partir das vivências subjetivas?

Para tentar responder a essa pergunta, utilizaremos autores que buscam embasar sua filosofia experienciando modos de olhar para o tempo sob diferentes perspectivas. Em seguida, vou buscar fazer um paralelo sobre como minha atuação clínica acompanhando o envelhecimento pôde ser embasada nessa conscientização. Para tanto, inicialmente irei discorrer sobre a modalidade de análise do envelhecimento na visão ocidental, a fim de descrever em que cenário está inserida a minha pesquisa.

Ao investigar como uma forma de tempo se aplica a um sujeito, dada sua subjetividade, torna-se incoerente utilizar uma metodologia positivista, sistemática, que se limita aos fatos, a ocorrências tipicamente verificáveis que se desenvolvem por uma observação controlada por técnicas aplicadas, já que, ao falar sobre as vivências do outro, automaticamente estamos falando sobre uma enorme multiplicidade de ocorrências impossíveis de ser homogeneizadas, na tentativa de se chegar a uma padronização.

Nesse aspecto, a fenomenologia concebida por Edmund Husserl (1859) serve como alternativa à abordagem das ciências humanas positivistas, pois coloca em evidência que os seres humanos não são objetos que se articulam imersos em um padrão onde suas atitudes são vistas como simples reações. [2]

[2] MARTINS, J.; BOEMER, M; FERRAZ, C. 1990, p.140

Como uma epistemologia voltada para as Ciências Humanas, a fenomenologia traz como princípio a preocupação com o vivido dos sujeitos, a partir da reflexão de como as coisas se manifestam, sempre em busca da essência do fenômeno em si, defendendo então “a construção de uma ciência para as experiências vividas; do vivido enquanto tal, e esse projeto não consiste em erguer uma ciência exata, pois estas já tem seu modelo na matemática” [3].

Pela fenomenologia de Husserl, o fenômeno que se investiga seria aquilo que surge para uma consciência, o que se manifesta e se mostra para uma consciência que interroga. Nesse sentido, ele nega a existência do sujeito e do mundo como puros e independentes uns dos outros, visto que o conhecimento só é adquirido quando se tem uma relação do sujeito e das coisas com o mundo; sobre esse movimento ele classifica como intencionalidade da consciência, a realidade e a direção que o pesquisador escolhe ao iniciar a sua investigação. A partir do momento em que o investigador apresenta uma inquietação, pode-se dizer que ele iniciou uma trajetória de pesquisa.

Como recurso para essa busca usa-se como critério a descrição do fenômeno em si, e não a sua explicação como forma de encontrar as relações causais; preocupa-se assim em mostrar o fenômeno e não demonstrá-lo, visto que aí incide um pré-julgamento. Tratando-se de uma questão subjetiva, dentro da fenomenologia devemos ter em mente que os objetos e os conteúdos que serão encontrados surgem diante de processos subjetivos, e não o contrário. Assim, “é a subjetividade que vai permitir a objetividade” [4], e por esse motivo deve-se em primeira instância descrever o que faz parte do subjetivo e, em seguida, se for pertinente, permitir a objetividade.

Merleau-Ponty (1945) acrescenta a esta forma de pensar a ideia de que a consciência não é sozinha e nem estática. Acredita que a investigação é algo

[3] Ibid, p.141
[4] Ibid, p.144

dinâmico, “A verdade é um movimento em constituição, não um estado”[5]. Seguir por este pressuposto faz com que a busca do significado da existência e da experiência sejam o fim da pesquisa fenomenológica, por priorizar a vivência em si e o seu significado.

Independentemente das etapas que o pesquisador irá utilizar para sua análise ele nunca estará procurando uma síntese do fenômeno, visto que este se dá em movimento. Trata-se assim, de uma dialética aberta, cíclica, em busca da essência do fenômeno.

A fim de situar o fenômeno do tempo utilizando como base a metodologia fenomenológica analisarei três cenas, observadas em meus atendimentos como acompanhante terapêutica, que servirão como exemplo para descrever o percurso da conscientização que podemos ter sobre as diferentes modalidades em que podemos olhar sobre como o tempo pode influenciar as nossas vidas. Descreverei as cenas a partir de três momentos de inquietação: *o tempo da angústia; o tempo da esperança; o tempo da vida presente.*

As cenas servirão para ilustrar e descrever esses tempos. *O tempo da angústia* se refere ao aprisionamento que o tempo cronológico nos coloca diante da possibilidade de nos transformarmos independentemente desta linearidade e rigidez que ele carrega*; o tempo da espera* é referente à ambiguidade encontrada na angústia do tempo cronológico ao início do deslumbre que a escuta no acompanhamento terapêutico pode oferecer como movimento criativo ao sujeito; e *o tempo da vida presente* seria como uma possível hipótese para a angústia inicial.

Através da análise dessas situações emblemáticas, destas cenas, pretendo refletir sobre a possibilidade de viver uma modalidade do tempo que inclua todas as vivências de forma criativa no envelhecimento, e que também possa ser replicada nas diferentes fases da vida.

[5] MOREIRA, V., 2004, p.449.

# Capítulo I - O cenário sobre o possível envelhecer

Relativizada pela cultura contemporânea ocidental, a sociedade brasileira, majoritariamente, está formada a partir de ideologias e princípios capitalistas que privilegiam conceitos que estejam vinculados à obtenção de bens e valores que possam garantir um *status* de pertencimento social.

Os sujeitos que não correspondem a esta lógica do mercado devido à idade avançada acabam por ser excluídos das relações de trocas sociais, políticas e econômicas, restando-lhes apenas aguardar pelo instante da morte. Sob este cenário, encontramos grande parte dos idosos.

Ficar nesta espera é condenar os velhos à *inexistência*[6] por ocuparem um lugar que não lhes cabe mais, por não terem voz ativa que possa articular algum tipo de pertencimento e investimento social, visto que não há uma escuta que possibilite qualificá-los como cidadãos com direitos. Sem esta autenticação torna-se comum e legítimo que muitos percam a autoestima diante de tamanha fragilidade.

Como resultado, é comum ouvir dos idosos o discurso “no meu tempo...”, que anuncia algo que foi perdido no passado, que não se pode mais desejar no presente, dispondo assim de uma única possibilidade para o futuro: o sentimento de saber-se mortal. Prender-se a essa consciência, sem elaboração sobre a finitude, implica em perda de esperança para com seus projetos, causando no idoso um empobrecimento psíquico, por não possuir mais desejos. Délia Goldfarb e Ruth Lopes (2013) explicam esse fenômeno quando escrevem que:

> “O sentido de finitude é elaborado ao longo da vida nos diversos contatos com a morte, podendo, em situações favoráveis, gerar um sentimento sublime de serenidade e sabedoria. Em situações adversas, quando o sofrimento é excessivo, a finitude não pode ser elaborada e será sentida como um limite intransponível, como o

[6] PEIXEIRO, M. H. ,2013, p.37

> destino iniludível que se apresenta ao término de um caminho de declínio marcado por perdas intermináveis." [7]

No cenário social onde as pessoas se colocam de forma intolerante no trato do outro pelo seu caráter subjetivo, os velhos perdem sua representação de patrimônio cultural já que "o idoso é visto como um encargo, um problema, ou como um 'favorecido' da previdência social, que goza de privilégios, e não de direitos"[8].

Este sentimento se exacerba quando tendemos a nos fixar em uma perspectiva do envelhecimento reduzido a etapas, dividido em partes definidas – infância, juventude, vida adulta e velhice que nos coloca diante de uma vivência do tempo regido pela temporalidade cronológica. Esta medida, avalizada por convenções sociais, nomeadas por medidas de horas, dias e minutos, é implantada por denominações externas às vivências e percepções subjetivas. A individualidade neste sentido nasce, cresce, amadurece e morre por uma ordem fundada biologicamente pela ideologia cientificista do *evolucionismo*.

Como resultado desta medida, enunciou-se o conceito *degeneração* vinculado ao trato biológico e médico para dizer sobre o traço anormal do desenvolvimento biológico do organismo vinculado ao modelo construído pela ordenação desta sequência biológica preconcebida socialmente [9]. Nesse sentido, as alterações biológicas recorrentes são tratadas como um retrocesso dentro das suas funcionalidades.

Sob essas circunstâncias, o sujeito que envelhece encontra-se cada dia mais próximo de uma exclusão da sua alteridade, longe de seu sentido vital, visto que se acredita que:

> "Envelhecer é sentido como perda, privação. O tempo entendido como sucessão linear e cronológica se escasseia, esvai-se com o passar dos anos, e a morte torna-se próxima. O corpo, suscetível às

[7] GOLDFARB,D.C.& LOPES, R. G. da C., 2013, p.24
[8] Ibid, p.22.
[9] BIRMAN, J. 1995, p.31.

> doenças, transforma-se em um fardo difícil de carregar. O desejo, na perspectiva de algo que se quer alcançar, traduz-se como carência."[10]

Sob esta ótica reducionista que limita a multiplicidade de modos de envelhecer, a subjetividade perde seu valor, dando espaço para as relações de poder do mercado de lazer e rejuvenescimento que atuam como meios de controle[11], utilizando como critério fundamental o modelo de prevenção da saúde física em defesa da "qualidade de vida" imposta pelos parâmetros sociais, tais como consta da Organização Mundial de Saúde, a partir do termo "envelhecimento ativo" como "o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas" [12]. Mas, afinal, como se define qualidade de vida em uma sociedade que privilegia a juventude?

Pautada nesta perspectiva estigmatizada de corresponder ao padrão da juventude, as imagens positivistas sobre a "terceira-idade" são postas a fim de prevenir a *degeneração* corporal, porém, por outro lado, acabam por evidenciar a negação da existência da velhice[13] que esteja norteada por suas singularidades. Cria-se a constatação de que "velho é o outro", a partir do momento em que há uma negação em se ver velho, em se reconhecer velho junto às marcas e rugas que acentuam estas mudanças[14].

Para além dessas exclusões vinculadas à participação social e ao declínio físico está a exclusão mantida pelos familiares que, buscando proporcionar maior bem estar a esses idosos, acabam por torná-los dependentes, rompendo com o papel protagonista dos idosos em virtude de um ideal de cuidado que acaba interferindo na autenticidade de quem antes tinha seus valores e autonomia. Perde-se a convicção de que "as melhores soluções sociais são aquelas que comtemplam o ponto de vista dos envolvidos. Isto implica pensar os idosos como sujeitos não apenas de direitos, mas também de desejos" [15]. Os familiares, independentemente do grau afetivo existente com o envolvido, acabam se fechando para a escuta subjetiva vinculada aos

[10] TÓTORA, S., 2015, p.23.
[11] Ibid, p.49
[12] World Health Organization, 2005, p.13.
[13] BARBIERI, N. A., 2014, p.121.
[14] MESSY, J., 1993, p.10.
[15] SARTI, C A.,2001,p. 95.

desejos genuínos, ocasionando, novamente, a concepção de velhice que nega o lugar do velho na condição de sujeito autônomo, capaz de decidir, independentemente de suas restrições físicas e mentais.

Ao compreender a articulação desses três pilares: social, físico e familiar, torna-se necessário analisarmos sobre quais papéis devemos pensar diante da autenticidade, subjetividade e tolerância sob se o processo do outro para, assim, encontrar a resposta para a seguinte questão: estamos preparados para envelhecer em uma sociedade que pouco privilegia o sujeito e suas diferenças a partir do momento em que este não corresponde mais ao que a sociedade coloca necessário? Seria possível olhar para o sujeito que envelhece não apenas por suas privações?

## O envelhecer como um caminho

*"Por seres tão inventivo*
*E pareceres contínuo*
*Tempo, tempo, tempo, tempo*
*És um dos deuses mais lindos*
*Tempo, tempo, tempo, tempo."*
*(Caetano Veloso)*

Messy (1993), assim como o trecho de Caetano Veloso, retratam o envelhecimento a partir dessa vivência do tempo que ultrapasse uma fase fixa, como "um processo que se inscreve na temporalidade do indivíduo, do começo ao fim da vida"[16]. Desta forma, inclui-se a essa dinâmica uma sucessão de perdas e aquisições que dialogam entre si de acordo com o que é construído ao longo das vivências do sujeito.

"Se o envelhecimento é o tempo da idade que avança, a velhice é o da idade avançada, entenda-se, em direção à morte" [17]. Partir por essa lógica implica em separar o envelhecimento da velhice, sendo que o envelhecimento inclui todos os sujeitos que participam deste processo de envelhecer, enquanto que a velhice fecha o indivíduo diante de concepções estigmatizadas pela sociedade, da mesma forma que a expressão "pessoa idosa" engessa o sujeito em uma designação categórica social, pois "a 'pessoa idosa' não existe como entidade individual, é apenas um termo social que não tem realidade humana"[18]; imagem esta que para os mais jovens está vinculada a algo bastante ameaçador pois transparece a visão de proximidade da finitude.

Ao entender essa fase sob essas duas óticas fica clara a distinção existente entre o ser que envelhece, processo vivido por todos nós, e o ser velho, que não mais se define diante de um processo, mas sim, de uma finitude irrevogável imposta pela sociedade. O sujeito perde sua identidade e é colocado diante de limites que antes eram apenas limitações que poderiam ser remanejadas pelo próprio sujeito, entrando assim em uma situação de crise,

[16] MESSY, J., 1993,p.13
[17] Ibid, p.17.
[18] Ibid, p.18.

pois o que era antes conhecido passa a não servir como repertório das novas motivações.

Diante desta crise imposta por paradigmas sociais, podemos pensar que a *velhice* não é uma categoria natural, mas uma categoria produzida socialmente. O *ser natural* no processo de envelhecer se constrói por atos e não por ações quaisquer, este ato "não é um movimento, mas uma implicação do sujeito com seu desejo mais genuíno. No ato não há garantias, apenas a decisão ancorada pelo desejo com efeitos sobre os destinos da vida" [19]. Nesse sentido, o ato aqui representado define-se por um movimento do sujeito que causa resultados e significados que serão costurados no repertório de vida de cada um.

Podemos equiparar esses atos com as *escritas corporais* que cada um produz em forma de cicatrizes e marcas deixadas pela história que, ao longo do envelhecimento, são diferentes para cada sujeito. São desenhadas por múltiplos fatores como herança genética, cuidado alimentar, investimentos libidinais, laços sociais, lutos necessários pelas perdas e motivações, entre outros aspectos que compõem a história de cada corpo.

> "Nessa empreitada torna-se fundamental no processo de envelhecimento, a partir da meia-idade, diante de inúmeras modificações no corpo, na imagem e nos laços, que se criem formas alinhadas ao desejo para tratar as modificações, ocupando novos lugares e transitando por vias anteriormente abertas."[20]

Com as mudanças implantadas, duas posturas tornam-se possíveis: a de *oportunidade* e a de *estagnação*. A primeira diz respeito à possibilidade de fazer luto pelo que foi perdido ou transformado, revendo e redefinindo diferentes manejos para novos caminhos, partindo do princípio de que "a revisão do projeto de vida, adequando-o à realidade atual, inclusive sob o ponto de vista das condições pessoais, orgânicas e econômicas, aponta para soluções criativas e individuais" [21], que estejam alinhadas a desejos genuínos dos envolvidos. A outra maneira é a insuficiência em lidar com os lutos pelo

[19] MUCIDA, 2009,p.35.
[20] Ibid, p.73
[21] LOPES, R., 1990, p. 48.

que se perdeu ao longo da vida, seja pela inexistência de espaço de elaboração, ou pelo choque causado por um acontecimento específico [22].

A estagnação em não encontrar uma forma de elaborar esses conflitos gera a necessidade cada dia maior da implantação de serviços que façam uma escuta qualificada capaz de detectar as diferentes ocorrências e recorrências do envelhecimento. O acompanhamento terapêutico (AT) nesse contexto ganha espaço à medida que sua clínica atua estabelecendo uma relação com os idosos que estejam em situação de fragilidade, seja pelo isolamento social, pelo estado depressivo, quer estejam em instituições ou não, em demência, descapacitação física, sequelas de acidente vascular cerebral (AVC), ou qualquer outra demanda que implique em sofrimento psíquico, em busca de ajuda para a resolução de conflitos.

O profissional, com a possibilidade de atuar fora dos dispositivos tradicionais de tratamento, sejam eles consultórios, hospitais ou outras instituições, podeoptar por atender o idoso de acordo com sua preferência, seja em lares, instituições asilares, na rua, e em outros espaços, desde que haja uma forma de estabelecer o vínculo necessário para a construção e realização de projetos em conjunto.

O vínculo nessa relação mútua se dá não apenas pelo diálogo, mas também pela presença e valorização dos potenciais apresentados nas subjetividades de cada idoso. Assim, “não existem modelos rígidos para o ato de acompanhar. Acompanhar é fundamentalmente escutar a singularidade de cada gesto, de cada experiência e estar junto na tarefa de restabelecer as pontes com o mundo e os projetos” [23].

Por essa medida, cabe ao AT proporcionar e incentivar o indivíduo a buscar a percepção que tem de si mesmo, colocando-o no caminho de seus questionamentos, ouvindo a sua *voz* interior. Sócrates traçava esse caminho utilizando-se da metáfora de uma parteira, como era sua mãe, que fazia partos para “partejar almas”, ou seja para ouvir a voz interior de cada ser. A participação do outro, neste caso, do AT, seria como a de uma destas parteiras

[22] BARBIERI, N., 2013,p.85
[23] GOLDFARB,D.C.& LOPES, R. G. da C, 2013,p. 26

que, através de questionamentos sobre os caminhos percorridos, faz nascerem novas convicções desses sujeitos. A busca por um novo de si, que muitas vezes está estagnado no envelhecimento e necessita desse trabalho de parto da alma.

É a esse “nascimento”, que Sócrates definia como *maiêutica*, que devo me ater neste trabalho. Na clínica em que atuo como AT, na medida em que acompanho os idosos, busco olhar para esses nascimentos, acreditando que esse gradativo parto possa alimentar uma alma que muitas vezes está encoberta, *grávida,* com uma pulsão de vida esperando ser parida.

Nos atendimentos realizados com os idosos esse nascimento de novas convicções está implícito na vivência do dia a dia, através não só da pronúncia vinda da fala, mas por múltiplos sentimentos expressados por sorrisos, choros, irritações e questionamentos sobre o novo que está chegando.

Viver em constante busca por novos anseios e sonhos faz o sujeito viver um tempo de possibilidades, um tempo que não se configura como uma linearidade de fatos, mas por uma transformação das percepções vividas. Assim, essa temporalidade vivida é vista não como uma estrutura externa ao indivíduo, mas sim como construída por ele. Neste sentido “o homem não está no tempo é o tempo que está no homem” [24].

Olhar para a velhice incluindo todas as experiências como partes do processo de construção contínua torna o sujeito um grande buscador das suas convicções e desejos internos.

[24] MARTINS, J., 1998,p.10.

## Capítulo 2 – O tempo a partir de diferentes olhares

## Concepções sobre o tempo

"Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo, tempo, tempo, tempo
Entro num acordo contigo
Tempo, tempo, tempo, tempo"

(Caetano Veloso)

Escrever sobre um tema que está presente em nós diariamente pareceria fácil, não fosse a complexidade a respeito das interferências do tempo nas nossas vidas, visto que pouco se dá atenção a este fenômeno que perpassa o nosso dia a dia. Refletir profundamente sobre seus enigmas é uma tarefa ousada, pois implica, primeiramente, em saber sob qual perspectiva estaríamos investigando teoricamente, uma vez que esse fenômeno não é retratado por nenhum dos nossos sentidos, como a visão, a audição, o tato, o paladar e o olfato. Assim, a idéia em que podemos nos apoiar configura-se nas nossas experiências diretas do tempo presente junto à reflexão que surge sobre essa experiência[25].

O tempo como produção humana é visível em instrumentos como o relógio, o calendário, e a cronologia sendo uma forma de representar os acontecimentos através da noção de contagem, muito usada na História; visto que cada cultura tem uma maneira específica de ver o tempo, independentemente se vinculam à Arte, à religião ou à ciência [26].

Partindo do princípio de que todo homem está inserido em uma cultura, podemos antever que nós todos experienciamos, em algum momento da vida, esta noção de contagem. Todavia, é certo dizer que mesmo com a enumeração dos dias, horas e ciclos, há certeza de que um dia não será igual ao outro, visto que a partir do momento em que revelamos uma hora contada

[25] WHITROW, G.J.1993,p. 17
[26] SILVA, 2009, p.390.

no relógio, em um dia especifico, dentro de um ano, essa hora não se repetirá mais, pelo princípio de que a próxima repetição desta hora contada no relógio já será outro dia. Por esse raciocínio, qual seria então a razão de fixarmo-nos na repetição dos números se sabemos que os acontecimentos que ocorrem de um dia para o outro não se repetem de fato? Por que nos fixamos nessa contagem linear do tempo, se sabemos que este, por sua natureza sucessiva, não se repete efetivamente?

Ao nos aprofundarmos sobre esse enigma do tempo perceberemos que, na verdade, somos nós que, de algum modo, temos a necessidade de nos vincular a algum período ou ciclo que possa nos deixar apropriados de uma referência temporal. [27] Whithrow (1993) explica que:

> "(...) nossa idéia do tempo está pois estreitamente ligada ao fato de que nosso processo de pensamento consiste numa sequência linear de atos discretos de atenção. Em consequência, o tempo é naturalmente associado por nós à contagem, o mais simples de todos os ritmos." [28]

Pensar em uma perspectiva atemporal, fora de uma linearidade, que não esteja vinculada a qualquer orientação temporal, parece impossível ao ser humano. Na verdade, se assim fosse, sem nenhum mecanismo de contagem homogêneo, sem nenhuma unidade padrão de contagem, seria impossível organizarmo-nos em sociedade. Pensar no tempo envolve ter alguma consciência de duração e distinção entre passado, presente e futuro, sendo esta a nossa diferença dos demais seres vivos que vivem num contínuo presente.

Várias foram as convenções utilizadas pela humanidade como indicadores de tempo para estabelecer a unidade do dia. Os egípcios antigos escolheram utilizar a aurora; de outra forma, os judeus, babilônios e mulçumanos preferiram o pôr- do - sol. Para além das medidas do dia, houve outras convenções para medir o ano, e as estações.

[27] REY, F. 2010, p.10-11.
[28] WHITROW, G.J.1993,p.27.

Independentemente dos povos, das épocas ou das regiões, todos tiveram algum método para registrar e marcar o tempo; alguns estavam fundados nas fases da natureza, outros em fenômenos celestes. A invenção do relógio mecânico foi um acontecimento tardio na humanidade, pois havia uma relutância do homem de abandonar as bases naturais de medida do tempo.

Não só os estudiosos de História se inquietaram diante desse enigma. Cientistas, matemáticos e filósofos, até os dias atuais, procuram formas de articular e explicar quais são os diferentes princípios que demiam retratar esse fenômeno na nossa cultura.

Platão (429 – 354 a. C) formulou sua teoria baseado na noção de *eternidade*, apontando o tempo como uma imagem móvel da eternidade. Móvel, pois para ele existe uma totalidade da qual fazemos parte e ao longo do nossa existência almejamos desvelar essas sucessões irreconhecíveis que não nos foram reveladas. Como se a eternidade fosse um todo do qual vivenciamos pequenas partes ao longo da nossa trajetória histórica. Nesse sentido, "a eternidade permite-nos realizar todas essas experiências de um modo sucessivo" [29].

Pensar desse modo nos coloca diante de uma dinâmica circular do modo de nos constituir. Como se o tempo imitasse o que já existiu em seu modelo de eternidade, fazendo apenas alterações da forma de representá-lo. Não por acaso, por seguir o padrão de medida dos movimentos cíclicos dos astros, tornou-se possível a criação dos principais calendários do mundo – solares ou lunares.

Seguindo a concepção greco-romana, Aristóteles (385-322 a.C) expunha que "o tempo é a medida do movimento". Em sua obra *Física (Física IV 10-14),* ele define que quando o tempo passa, a partir do agora para o posterior, certamente, é algo em movimento. Por essa percepção nos colocamos como objeto que avalia o que esse movimento faz a priori e porvir.

[29] BORGES,1979, p.80.

O pensamento de Aristóteles sobre o tempo visto como circular predominará na filosofia e, principalmente na construção da ciência ocidental, mas se antagonizará com a filosofia iniciada pelas convicções estudadas por Santo Agostinho, posteriormente vistas por Kant, que serviram como ferramenta para a construção dos princípios da fenomenologia, iniciada por Husserl e Bergson [30].

Santo Agostinho (354-430), como representante da abordagem cristã, iniciou seu pensamento com a predeterminação linear do tempo, a partir da eternidade. Afirma que se o passado é algo que não existe mais, o futuro como algo por vir e o presente como algo que não tem nenhuma extensão, o que se mede é a relação que temos quando aprendemos sobre algo. O passado e o futuro só podem se tornar conhecidos quando damos atenção a algo, assim "o que nós fazemos, na verdade, não é propriamente medir o tempo passado ou o tempo futuro (...), mas a duração de nossa expectativa e a de nossa memória, manifestadas no presente" [31]. O tempo, para Santo Agostinho, é colocado como uma distensão do espírito de cada um, de acordo com a vivência que cada um compila e mede o seu presente.

> "Meço a impressão que as coisas, ao passarem, gravam em ti e que em ti permanece quando elas tiverem passado, e meço-a, enquanto presente, e não as coisas que passaram, de forma que essa impressão ficasse gravada; meço-a, quando meço os tempos" [32]

Desse modo, ao sair dessa percepção numérica e cíclica, configurada como uma forma padrão na sociedade, inúmeras outras percepções filosóficas sobre o tempo se iniciaram buscando compreender o fenômeno do tempo para além da visão convencional, exposta anteriormente.

Nessa construção intelectual, muito se discutiu sobre a concepção do tempo; físicos, matemáticos, filósofos, estudiosos, procuravam interpretar algo que parecia indecifrável. Muitos procuraram entendê-lo através da dinâmica objetiva e calculável do fenômeno; outros, ao contrário, partiram do princípio

[30] SOMBRA, 1998, p.90.
[31] PUENTE, 2010, p.32.
[32] SANTO AGOSTINHO, 2001 *apud* PUENTE, F. R, 2010, p.53.

subjetivo, investigaram a partir das implicações que este fenômeno tivera na vida do ser humano, tanto no contato com o meio social, externo ao sujeito, como na sua individualidade, visto que:

> "Quando procuramos compreender uma pessoa, essa compreensão nunca se dá de forma pura, mas somente por meio das intersecções das suas várias dimensões. Precisamos, então, pensar na idéia do tempo propriamente dito, e é somente acompanhando a sua dialética interna – o homem não está no tempo, é o tempo que está no homem – que seremos então levados a compreender a idéia do sujeito humano." [33]

Dado que o tempo está ligado não só a perspectivas mecânicas, poderíamos então pensar em outra perspectiva que traduzisse o nosso lugar no mundo junto ao tempo? Se no momento em que nos desenvolvemos, entre o nascimento e a morte, podemos observar que o tempo vivido por cada um é percebido distintamente, qual seria a explicação matemática para essa percepção singular?

Primeiramente, deve-se ter em mente que a proposta deste trabalho não é responder a esta questão, mas sim dialogar com autores que deram importância ao lado subjetivo da compreensão do tempo, e que souberam fazer o entrecruzamento desses tempos, objetivo e subjetivo, obtendo a consciência das implicações que essa combinação possa acarretar, visto que, como resultado deste entrelaçamento encontra-se o sujeito que percebe o seu envelhecimento e deixa de pensar pela perspectiva de contagem dos anos vividos e começa a fazer planos para os anos que lhe cabem até a sua morte, aproveitando cada momento intensamente. Partindo deste princípio GOLDFARB (1997) expõe que:

> "A evolução da humanidade exige um constante reordenamento da relação do homem com o tempo. Homem e tempo se influenciam mutuamente, produzindo profundas mudanças nas subjetividades e diferentes representações que lhe permitem lidar com a questão temporal." [34]

[33] MARTINS, J., 1998,p.12.
[34] GOLDFARB, D. C., 1997,p.42.

Bergson, através do seu trabalho incansável a respeito deste tema, inicialmente observou e criticou o que filósofos e cientistas disseram sobre o tempo. Para esses, como dito anteriormente, o tempo configurava-se como esquemático e espacial, concepção incompatível com a idéia de um tempo que é próprio, tecido do real. Matemáticos e físicos buscam uma equação que se equipare em sua generalização. O tempo calculado produz o mesmo efeito e, a partir deste efeito, produz leis e teorias que permitem as previsões que possam ser aplicadas por cálculos antecipados. Para Bergson, "o tempo dos físicos e matemáticos é um tempo espacializado, compreendido como uma linha imóvel, com o qual se pretende medir a duração das coisas." [35]. Não haveria problema algum se mantivéssemos essa representação do tempo material encontrado nas medições, como por exemplo, nos relógios e ciclos solares.

Em seus livros, o autor busca entender o que esta estrutura pode acarretar no entendimento humano, no qual a maioria das coisas calculáveis e passíveis de serem previstas acabam exprimindo a duração das coisas e reduzindo a duração das coisas interiores dos indivíduos às mesmas leis concebidas aos objetos materiais. Seguir pela sistematização intelectual faz com que os fenômenos estejam assegurados aos conhecimentos por meio de um modelo científico de entendimento do tempo e do espaço, da extensão e do movimento [36].

Em seu percurso sobre o entendimento do tempo, Bergson investigou quais eram as dificuldades que levavam os pesquisadores a seguir pelo caminho da objetividade científica, partindo pela busca de um entendimento racional sobre os efeitos do tempo. Por essa via, o tempo e o espaço estariam sendo pensados à luz de um sistema mecânico de análise, em busca de uma conclusão única e uniforme que comprove o tempo como homogêneo. O fato de existir a mesma forma de medir a hora, deriva-se de uma equação homogênea calculável que não se preocupa com as demais variáveis que se instalam para além do tempo medido.

[35] COELHO, J. G. , 2004,p.236.
[36] KARNAKIS, A., 1999,p.14.

A fim de assimilar sobre quais as consequências que essa homogeneização poderia afetar os indivíduos, Bergson fez seus estudos com o objetivo de compreender a multiplicidade dos estados de consciência que podemos articular junto à percepção do tempo. Primeiramente ele aborda o estado quantitativo que adquirimos com a percepção que temos dos objetos e materiais que estão fora do sujeito, possuindo assim uma extensão própria localizada em um espaço. Estando fora do sujeito, tendo por condição o espaço, essas percepções fixam-se em uma precisão, em algo palpável passível de ser calculado e assimilado através do seu contorno adquirido. A percepção a que ele reporta vincula-se ao estado qualitativo, que traz os fatos da consciência como um fluxo intermitente e heterogêneo[37]. Ao estado qualitativo inclui-se o estado interno do sujeito, pois os fatos psíquicos não são passíveis de formar uma multiplicidade numérica palpável de ser encontrada no espaço. Assim, podemos dividir as multiplicidades entre os objetos materiais localizados no espaço, passíveis de serem calculados numericamente; e entre os estados internos da consciência que se aproximam dos aspectos individuais de cada ser. Assim, Bergson aponta no seu livro *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* (1988), que,

> "(...) ao considerarmos os objectos materiais em si mesmos, renunciamos a tal compromisso, uma vez que os consideramos impenetráveis e divisíveis, isto é, como indefinidamente distintos uns dos outros. Tornar-se-á, pois, também necessário renunciar a isso quando nos estudarmos a nós próprios." [38]

Estudar a nós mesmos, pela via da verdadeira natureza desses estados psíquicos internos, constitui uma multiplicidade heterogênea, a partir da consciência e percepção individual, que corresponde a qualidades sensíveis de cada sujeito. Partir por uma visão quantitativa seria, então, um agravo por não distinguir o sujeito do objeto, sendo o objeto aquilo que pode ser dividido infinitas vezes apenas alterando o seu grau de grandeza, sem alterar a sua natureza.

[37] Ibid,p.18.
[38] BERGSON, H., 1988,p.155.

A partir desta distinção de estados múltiplos, Bergson iniciou sua crítica ao determinismo psicológico formado pela psicofísica e suas concepções de tempo psicológico homogêneo, que compreendia os fatos da consciência de acordo com as leis físicas, a fim de quantificar os estados psíquicos, procurando um modelo lógico e específico para generalizar a consciência, pretendendo assim, “atribuir aos problemas psicológicos a mesma noção de grandeza em intensidades de naturezas distintas, por exemplo, a intensidade de um sentimento, a de um esforço muscular ou a de uma sensação” [39]. Dessa forma, as sensações afetivas podem ser pensadas em termos de grandeza, de forma quantitativa que atribua à questão individual dada uma totalidade. A crítica se dá pelo fato de a psicofísica procurar demonstrar que qualquer intensidade de um estado psicológico pode ser representada por meio da sua causa exterior de forma quantificável e “ao conceber a natureza dos estados psicológicos de forma quantificável e externa, acabam confundindo a natureza do tempo vivido pelo próprio sujeito, numa análise quantitativa que permite a espacialização desses estados” [40].

Manter-se nesse critério de espacialidade faz o estado psicológico seguir uma grandeza totalitarista que a impede de discorrer por princípio subjetivo de cada sujeito em meio ao mundo externo que os cerca. Para que possamos repensar o tempo a fim de alcançar a sua própria duração interna “É necessário, isso sim, que nos recoloquemos na duração e que recuperemos a realidade em sua essência, que é mobilidade” [41] . Essa durabilidade a que ele se referiu ia de encontro ao que os físicos propunham; estes não se preocupavam com a duração, com a mobilidade dos fatos, mas sim com a descrição do espaço e suas simultaneidades que os possibilita calcular. Porém, caso esta duração seja compreendida desta forma homogênea, a sucessão dos fatos passa a ser linear, externa a concepções e percepções internas ao sujeito, retendo os que não ocorrem em um tempo real.

O tempo psicológico, a que ele contrapõe com psicofísica, é um tempo qualitativo, inextenso, do qual a duração, a vivência e o movimento são

[39] KARNAKIS, A., 1999,p.25.
[40] Ibid, p.27.
[41] BERGSON, H., 2006,p.113.

sínteses mentais que, diferente da quantitativa, não retém imobilidades, pois o momento interior é subjetivo a cada sujeito, e assim são articulados e percebidos distintamente, não sendo idênticos entre si, assim, heterogêneo.

> "Rigorosamente, admitir-se-á que a duração interna, percepcionada pela consciência, se confunde com o encaixar dos factos de consciência uns nos outros, com o enriquecimento gradual do eu; mas o tempo que o astrónomo introduz nas suas fórmulas, o tempo que os nossos relógios dividem em parcelas iguais, este tempo, dir-se-á, é outra coisa." [42]

Em síntese, a análise de Bergson aponta para a ideia de que os sentimentos, desejos e emoções percorrem os estados internos ao sujeito em busca das vivências psicológicas. Por sua vez, estes estados mudam constante e continuamente em um curso que não cessa no tempo, porém, é diferente da sucessão quantitativa, é qualitativa, "Sem dúvida, é possível perceber, no tempo, e apenas no tempo, uma sucessão pura e simples, mas não uma adição, isto é, uma sucessão que viesse a dar numa soma"[43]. Esta sucessão pura que Bergson descreve deve considerar, por sua vez, que os momentos da duração interna também se aproximam de percepções externas – e aqui incluo percepções culturais, porém não se pode perder de vista que os momentos internos não são externos uns aos outros; utiliza-se vivências externas para conceber estados internos, apresentando-se em reciprocidade, mas sem que ocorra qualquer interpretação de sucessão dos fatos, pois na duração distinta vivida pelo eu, ocorre uma sucessão de estados e percepções que não podem estar fora de qualidades internas ao sujeito, por ser este um processo contínuo em que os fatos, permeados pela consciência, se interpenetram em um tempo heterogêneo. A sucessão desse modo é contínua para a consciência interna e não no espaço.

Mas, afinal, como alcançaríamos esta pura duração junto à multiplicidade dos estados internos, sem extraí-la do espaço? Nesse sentido Bergson buscou analisar como se daria o fluxo da consciência. Assim, esta percepção da consciência não é constituída separadamente, sua associação é

[42] BERGSON, H, 1988, p.77.
[43] Ibid, p. 59.

feita por uma mistura de seus congêneres, como gotas de chuva misturadas à água de um lago; assim, os estados psicológicos estariam interligados em uma continuidade indivisível. O estado psíquico, por sua vez, será vivenciado e construído pelo próprio sujeito a partir das suas percepções de qualidade da duração interna sobre o mundo externo diante da sua temporalidade psíquica, a partir do processo criativo a que esta consciência se propõe, em que o passado e o futuro estão entrelaçados ao presente. Uma representação que Bergson descreve em *Introdução à metafísica* (1903) está em aplicar a uma multiplicidade de momentos ligados uns aos outros por uma unidade, de forma que todas as representações sejam únicas e múltiplas simultaneamente. Adotar a personalidade como uma série de estados psíquicos distintos, cada um invariável. Assim, "Ao falarmos sobre o tempo, pensamos quase sempre em um meio homogêneo no qual os fatos da nossa consciência se alinham se justapõem como no espaço e conseguem formar uma multiplicidade distinta"[44]. Não se pode excluir os fenômenos externos, mas sim agregá-los, pois são indispensáveis para podermos nos identificar com tudo aquilo que somos, e nos conscientizarmos das mudanças internas a que seguimos a caminho de nos apropriar totalmente de nós mesmos, assim:

> "Ao penetrar na vida interior, encontramos um acesso ao tempo interior, encontramos um acesso ao tempo interior, a um tempo real e vivido pelo eu, e assim alcançamos a noção de duração psicológica. O tempo psicológico é a expressão da duração, isto é, de um duração que é vivido pelo eu. A observação interior da nossa temporalidade abre a possibilidade para novas formas de criação, de um fluxo contínuo de novidades." [45]

Resumidamente, o tempo interior, por sua vez, seria um tempo real, que ultrapassa o tempo espacial por ser um tempo vivido e cujas propriedades fundamentais se dão em sucessão: continuidade, mudança, memória e criação. Sucessivamente, pois as vivências interiores acontecem umas após as outras, e assim constituem uma história. Por configurar-se por uma história a ser construída em que o presente e o futuro entrelaçam o presente, é necessário dar continuidade e este tempo, porém, diferente do tempo espacial, do qual

[44] Ibid, p. 67.
[45] KARNAKIS, A., 1999, p.51.

partes de coisas podem ser divididas; aqui elas são complementares e simultâneas. Esta sucessão temporal vem acompanhada de mudanças, partindo do princípio que a cada instante a própria constituição do espaço varia, sendo assim um fluxo contínuo incessante, uma transformação ininterrupta, pois, "um eu que não muda, não dura, e um estado psicológico que permanece idêntico a si próprio, enquanto não é substituído pelo estado seguinte, igualmente não tem duração"[46]. Pode-se manter um padrão para alguma ação, mas o fato de alterar o instante da ação não a repetiria. Independentemente do esforço que o sujeito faça para manter-se em um estado estático de si, o próprio corpo físico exporá sua mudança, em uma duração que por si só, é criadora de si mesma, livre.

Definir a duração como essencialmente uma sucessão contínua implica em estabelecer-se na memória. Toda memória por assim dizer é a conservação do passado no presente e antecipação no futuro, "Toda consciência é, pois, memória – conservação do passado no presente" [47]. Mas afinal, que memória seria essa? Bergson a divide em dois tipos: a corporal, aquela adquirida através do mecanismo de repetição, como no aprendizado de andar de bicicleta, que independe da atenção da consciência; e a memória por imagem, como a lembrança consciente de tudo que adquirimos em vivências anteriores que permanecem arquivadas no nosso inconsciente. Ambas em união são fundamentais, pois uma consciência sem a memória que possa conservar o passado morreria, já que o novo estaria a cada instante sem construir a história que possa edificar a consciência do vivido de si, assim,

> "A duração interior é a vida contínua de uma memória que prolonga o passado no presente, seja porque o presente encerra distintamente a imagem incessantemente crescente do passado, seja, mais ainda, porque testemunha a carga sempre mais pesada que arrastamos atrás de nós à medida que envelhecemos. Sem essa sobrevivência do passado no presente, não haveria duração, mas somente instantaneidade." [48]

[46] BERGSON, H., 2005, p.44
[47] BERGSON, H.,1979. p. 71.
[48] BERGSON, H.,1993b, p.200.

Articular essa vivência do passado ao presente através da memória possibilita ao indivíduo ampliar o seu lado criativo para que possa construir e articular sua história, partindo do princípio de que cada experiência vivida é um conhecimento e um desenvolvimento que possibilita um novo estado para o futuro, a partir da consciência que se tem de escolher, adquirida ao longo do passado em função da memória, pois é naquilo que vivemos que podemos encontrar a manifestação intensa da consciência. Nesse sentido, cabe refletirmos a respeito do papel dos anciões na construção da história, como aqueles que adquiririam mais consciência em virtude de tudo que viveram ao longo dos anos, e que, independentemente do grau intelectual de criação, viveram a sua durabilidade psíquica que permanece em constante mobilidade.

## Capítulo 3 – Percursos de descobertas dos tempos

### 3.1. O caminho

Partindo da premissa de que seria incabível usarmos como análise dessa teoria uma metodologia positivista, pois esta se limita a procurar estabelecer uma generalização dos fatos, sigo este trabalho com a perspectiva metodológica fenomenológica, partindo do pressuposto que:

> "(...) fenomenologia é um método, poderíamos mesmo dizer, uma atitude. O seu método constitui um *modo de observação,* novo na ciência, novo, por exemplo, em psicologia, mas nada novo na vida diária, pelo contrário, o fenomenologista quer fazer as suas observações da mesma maneira como toda a gente geralmente faz (...). A sua ciência chama-se fenomenologia e o seu relato procura ser a expressão daquilo que observa: ou seja, que ouve, vê, cheira e sente." [49]

. No momento em que o investigador apresenta uma inquietação, pode-se dizer que deu início a uma nova pesquisa, assim, "quando o fenômeno é colocado diante dos olhos, sem suspensão, o pesquisador está buscando a essência que aponta para aquilo que a coisa *é,* e no pesquisador fenomenológico, a consciência é o que permite ver, que pode ir além da coisa mesma'". [50]

Como recurso para essa busca usa-se como critério a *descrição* do fenômeno em si, e não a sua explicação como forma de encontrar as relações causais; preocupa-se assim em mostrar o fenômeno e não demonstrá-lo, visto que este incide em um pré-julgamento. Em se tratando de uma questão subjetiva dentro da fenomenologia devemos ter em mente que os objetos e os conteúdos que serão encontrados surgem diante de processos subjetivos, e não ao contrário, assim, "é a subjetividade que vai permitir a objetividade"[51].

No prefácio da *Fenomenologia da Percepção,* Merleau-Ponty (1945) faz um re-leitura da fenomenologia que Husserl iniciou:

[49] Van den BERG, 2000, p. 48.
[50] MARTINS, J.; BOEMER, M; FERRAZ, C. 1990, p.142.
[51] Ibid.p.144.

> "A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua "facticidade". É uma filosofia transcendental colocada em suspense, para compreendê-la, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre 'ali', antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico. É a ambição de uma filosofia que seja uma "ciência exta", mas também um relato do espaço, do tempo, do mundo 'vividos'" [52]

Algumas colocações de Merleau – Ponty assemelham-se aos posicionamentos de Husserl. Como visto anteriormente, Husserl procurava a essência dos fenômenos a partir da relação do homem e das coisas com o mundo, fazendo uma correlação sobre a percepção dos fenômenos estáticos em um estado já existente.

Em contrapartida, o autor abstrai-se do caráter estático dos fenômenos quando diz que não é resultado ou o entrecruzamento das múltiplas causalidades que definem o seu corpo ou a sua forma de pensar, mas sim, a partir das suas visões e experiências do mundo, impossíveis de serem experiênciadas pela ciência[53].

A verdade encontra-se sempre em movimento, e será encontrada pelo pesquisador nas suas vivências, logo, torna-se impossível adquirirmos uma verdade exata ou absoluta. Acredita, portanto, que a investigação é algo dinâmico, "A verdade é um movimento em constituição, não um estado" [54]. Seguir por este pressuposto faz com que a busca do significado da experiência seja o fim da pesquisa fenomenológica por priorizar a vivência em si e o seu significado.

[52] MERLEAU – PONTY, 1999, p.1
[53] Ibid, p. 3
[54] MOREIRA, V.,2004, 17(3), p. 449.

Independentemente das etapas que o pesquisador irá utilizar para a sua análise ele nunca estará procurando uma síntese do fenômeno - visto que este se dá em movimento. Trata-se, assim, de uma dialética aberta, cíclica, em busca da essência do fenômeno. O mais importante para o pesquisador fenomenológico, seja qual for o instrumento utilizado, será a priorização da experiência, em encontrar sempre o significado da experiência vivida. Por esse princípio buscamos investigar inquietações de modo a proporcionar novas dúvidas que possam trilhar diferentes caminhos para a reflexão sobre as influências do tempo nas nossas vidas.

No presente trabalho, a fim de situar o fenômeno do tempo utilizando como base a metodologia fenomenológica de Merleau-Ponty, foram analisadas três cenas obtidas em atendimentos como acompanhante terapêutica. Tais cenas servem como exemplo de vivências a serem investigadas e podem contemplar as inquietações sobre o tempo. Para melhor compreensão e análise essas cenas foram separadas em três fases, respectivamente, que condizem com a metodologia utilizada: o *"*tempo da angústia*",* referente ao aprisionamento que o tempo cronológico nos coloca diante da possibilidade de nos transformarmos, independentemente da linearidade*;* o *"*tempo da esperança", referente à ambiguidade encontrada na angústia do tempo cronológico junto ao início de um deslumbre que a escuta no acompanhamento terapêutico pode oferecer como movimento criativo ao sujeito e "o tempo da vida presente*",* como um possível resultado para a angústia inicial.

Para refletir sobre esses três momentos a partir desta metodologia, devo manter meu olhar e escuta passivos diante do outro em sua conscientização de si mesmo junto ao seu tempo vivido. Para tanto, descreverei situações em que essa conscientização brotou na percepção do sujeito.

## 3.2. Cenas do encontro aos tempos

### 3.2.1. Primeira cena: o tempo da angústia

Atendi uma senhora cuja vida resumiu-se a trabalhar e cuidar dos pais que, por anos, moraram junto dela, conforme relato do seu sobrinho.

Em nosso primeiro encontro fui apresentada pelo mesmo sobrinho e percebi que se tratava de uma senhora calada, mas que em poucas palavras pôde anunciar a sua tristeza contida, principalmente em seu olhar. Sua postura estava retraída com os ombros caídos, sua voz era suave, baixa e de difícil compreensão.

Inicialmente disse que não era necessária tamanha preocupação, pois não teria nada para fazer com aquele corpo, e que não havia motivos para se preocupar com uma senhora que já não tinha nenhuma utilidade. Demonstrou incômodo em ver a intenção de ajuda que seu sobrinho manifestava.

Nos nossos primeiros encontros o assunto resumiu-se em falar sobre as dores que sentia na perna em função do Parkinson. Controlada há alguns anos a doença nunca fora um impeditivo para a sua autonomia. Pelo contrário, sempre fez o possível para sentir-se independente. Não teve a oportunidade de ter filhos, mas, na verdade, cumpria essa função com dois de seus sobrinhos que sempre estiveram próximos. Ajudá-los era algo que lhe conferia um sentimento de pertencimento em se sentir útil para o que fosse preciso.

Passados alguns meses de atendimento, após um período de recesso, me comunicou que havia adquirido herpes zoster nas pernas. Naquele encontro seu rosto transmitia a dor que sentia, passava a mão sutilmente nas pernas e parecia se arrepiar de dor. Por um longo período ficamos em silêncio. Ela olhando para sua perna e eu ali, escutando sua dor. Nas poucas palavras que pronunciava pôde contar que tentou ir ao banco, mas que suas pernas dobraram (imitava a queda como se as pernas fossem o dedo indicador e o do meio). Dizia que não sabia o que fazer, esperava por uma certeza de que sua

perna voltaria a se mexer normalmente. Pensar em uma vida dependente era algo impossível, visto que já havia comunicado sua angústia em sentir-se sozinha, embora ao mesmo tempo, tivesse necessidade de provar que era capaz de ser independente.

Neste momento ficou sensibilizada, questionando se a decisão que tomara em dedicar-se aos cuidados dos seus pais havia sido um bom caminho. Admitiu que esta escolha fez com que não houvesse formado uma família própria, e que naquele momento, especificamente, isso lhe fazia falta.

Na escuta deste questionamento pude observar o cansaço em se sentir só junto a um sentimento de que não era bem vinda junto à família, pois achava que sua presença os incomodava. Trazia o argumento de que sempre teve que se mostrar presente aos outros para poder ser aceita.

Nesse momento me questionei: que dor nas pernas seria essa? Seria apenas a dor física que ela estava me apresentando? Arrisco-me a dizer que a dor na perna não era apenas uma dor física, mas uma dor na alma de alguém que dedicou sua vida não só aos pais, mas a um legado familiar, que em determinado momento estaria fragilizado.

Naquele instante o que conseguiu dizer foi que gostaria que o tempo voltasse, que talvez fizesse diferente. Que parte da sua angústia estava vinculada ao sentimento de solidão por não ter construído uma história para além do vínculo com os seus pais? Suas vivências, nesse sentido, ficavam presas a um passado familiar que durante sua vida a impediam de criar novas escolhas e que agora pareciam ser impedimentos físicos.

Presa às representações familiares, não conseguia criar a sua própria história com uma identidade pessoal que a legitimasse. O seu sobrenome estava para além do seu nome. Suas vivências neste sentido, estavam confinadas a seguir uma genealogia.

Após expor esses sentimentos que lhe traziam tristeza quis levantar-se do sofá, mas a dor foi tão grande que tombou para trás e, mesmo com a minha ajuda, disse que seria impossível sair daquele sofá e, com expressão de raiva, argumentou que não aguentava mais ficar presa daquela forma.

### 3.2.2. Segunda cena: o tempo da espera - O deslumbre sobre possibilidades

Uma nova consciência sobre o caminho de uma senhora floresceu em um diálogo profundo sobre sua história. Há muito tempo ninguém se colocava à escuta do que de mais simples a angustiava. Conversas semanais aconteciam. Inicialmente falávamos sobre acontecimentos recorrentes, sem que ela apresentasse nenhuma dificuldade.

Cansada de ficar sozinha no apartamento em que morava decidiu descer até o saguão do condomínio esperando que alguém puxasse algum tipo de conversa, ou que lhe pedissem alguma ajuda, para se sentir útil, fora da rotina solitária que lhe amedrontava.

Inicialmente as conversas com os moradores não passavam de cumprimentos. Certo dia, assim que cheguei ao prédio, vi que estava dentro da guarita da portaria. Assim que nos cumprimentamos percebi um olhar mais leve e pude ver algo que ainda não me tinha sido apresentado, seu sorriso. Conversávamos sobre os dias daquela semana e ela, deslumbrada e animada, contou que sua rotina havia mudado e que agora, quase todos os dias, descia para conversar com os funcionários do prédio, e que eles a deixaram entrar na cabine da portaria. Disse que fez bolo para levar para eles e que agora não precisaria mais ficar dentro de casa.

Contou que a conversa que mantinha com outros moradores, pessoas da mesma classe social, não era boa porque os assuntos eram sempre de caráter comparativo, com diálogos que a seu ver eram desinteressantes, pois os outros sempre se colocavam como melhores e mais desenvolvidos e isso a incomodava. Com a escuta e os diálogos sobre essa diferença pudemos

compreender que a dificuldade não estava em se relacionar, mas sim no fato de ela carregar um sentimento de inferioridade que lhe impossibilitava compartilhar sua história com os outros, e por ser idosa acreditava que isso não mudaria, pois não teria mais tempo de encontrar novas oportunidades de relacionamentos.

Ao olhar algumas fotos suas ficou claro que sempre se envolvia mais com o mundo masculino e, mesmo afirmando que tinha uma personalidade tímida, se colocava ao centro de todas as fotos. Após algumas conversas e desabafos seus, houve o deslumbre da tomada de consciência sobre sua personalidade, sobre seu desejo de poder estar no centro das relações, mas com dificuldade em se relacionar com o outro. Sentia-se presa por sentir que não teria mais tempo para criar novas possibilidades de ser, ou novas possibilidades de se relacionar.

Utilizo-me desta cena para descrever o tempo da espera, pois remete a um momento ambíguo em que a idosa deslumbrava uma nova percepção de si mesma, que poderia abrir caminhos para novas vivências criativas, mas ao mesmo tempo permanecia presa a um tempo cronológico e acreditava não ter mais condições físicas e mentais de vivenciar o novo. Ao mesmo tempo em que se acentua a sua predisposição em viver novos momentos o sentir-se velha a impede de experimentar este novo que florescia.

### 3.2.3. Terceira cena: o tempo da vida presente - Do reencontro ao desconhecido

O trabalho de acompanhante terapêutica dá a possibilidade de atuar fora da sala de atendimento, o que implica em poder analisar e participar de momentos únicos do paciente, e assim perceber e sentir outros aspectos de sua vida. Estar presente em alguns acontecimentos relevantes do desenvolvimento psíquico faz com que o psicoterapeuta possa partilhar das vivências e reconhecer possíveis dificuldades no cotidiano de cada paciente.

Significa estar no momento presente do paciente, no momento oportuno em que acontece o nascimento de novas criações, de novos reencontros, o que antes parecia desconhecido. Foi em um desses momentos que pude ver nascer o que antes parecia aprisionado em um tempo estático.

A paciente que descrevo prendeu-se a vida toda aos olhares dos outros. Sempre com medo do julgamento, preferia se fechar às críticas até o momento em que teve consciência da sua finitude.

Em um dia específico iniciou sua fala afirmando que estava irritada, pois seu sobrinho, que morou em um dos seus imóveis, havia se mudado e no momento não sabia como manteria a locação. Começamos a pesquisar uma possibilidade e ela percebeu que alugava o imóvel por um valor muito inferior ao que valia. Sentiu-se desvalorizada, primeiro por nunca ter sido avisada e segundo por seu sobrinho não a estar ajudando a encontrar outro locatário.

Naquele momento pediu que eu pesquisasse os valores aproximados de locação dos seus imóveis e chegou à conclusão de que não fazia sentido prender-se a tantos imóveis e terras, quando seu grande sonho era morar em uma cidade que tinha mar. Percebeu que o que sempre lhe aprisionara em São Paulo era a família que, naquele momento, não lhe dava valor. Começou a conscientizar-se do quanto havia feito pelos outros esperando um retorno afetivo, que era o que lhe faltava. Esse descontentamento, enfim, deu-lhe força para dedicar-se mais aos seus desejos.

Novos projetos surgiram desse movimento. Dirigiu-se a grupos de viagens para que pudesse conhecer novos lugares e novas pessoas, sem se preocupar com o julgamento alheio. Nesse período pude notar que, mesmo infeliz em continuar sozinha, um novo olhar crítico surgiu. Essa mudança fez até com que alterações físicas ocorressem, como a entonação da sua voz, agora mais evidente, e o desconforto com sua postura encurvada. Essas alterações perceptíveis nos encontros salientava que ali surgia uma nova forma de viver, porque antes parecia estar em segundo plano, pois precisava cuidar

dos outros. O tempo vivido, o tempo de novas construções parecia estar encoberto pelo medo de pré-julgamentos.

### 3.2.4. A união do tempo às vivências

Das descrições das cenas acima, podemos constatar que cada uma demonstra um processo subjetivo em constante movimento e, mesmo sendo recortes, demonstram tomadas de consciência como um caminho para uma vivência sadia. Para cada uma foi dado um título que correspondia às facetas da percepção do tempo, sendo, assim, uma explicação sobre a teoria trabalhada neste trabalho.

A primeira fala diz de um “tempo de angústia”, em que a protagonista, já idosa, se vê presa a segmentos familiares que a impossibilitaram de realizar seus sonhos pessoais, como o casamento poder se casar e ter um novo ciclo familiar, e que agora, devido a complicações físicas, acreditava que não teria mais tempo de ressignificar sua vida. Nesse sentido, podemos usar como paralelo o mesmo aprisionamento que o tempo cronológico nos coloca. Por se ver presa, inicialmente por suas responsabilidades familiares, e atualmente, pelas dores físicas, acredita não ter a possibilidade de possuir desejos de mudança. Sua idade a reprime de ver novos caminhos, como se suas experiências do passado servissem como bloqueios para experimentar o novo.

A segunda, intitulada como o “tempo da espera”, remete ao cruzamento entre o tempo em que novas perspectivas criativas de tomada de consciência acontecem, com o tempo em que acreditava não ser possível mudar devido a sua idade e condições físicas e mentais. Nesse sentido, a predisposição vinculada à tomada de consciência existe, porém permanece presa visto que se sente impossibilitada de iniciar novos caminhos pela idade.

A terceira nomeada como “do reencontro ao desconhecido: o tempo da vida presente” diz de uma senhora que se resguardava dos olhares dos outros, sempre viveu presa ao medo que sentia de ficar só, deixando de viver o que almejava, o que sonhava, querendo sempre ser a menina que foi. Em

determinado momento ela pôde se olhar e ver o sentimento que guardava, suas vontades e desejos puderam aflora, para a criação de novos caminhos. Compreendeu, então, que o tempo em que estava já não era mais o mesmo, e que podia encolher ser quem realmente era.

Essas três cenas utilizadas para identificar três diferentes momentos em que o tempo pode nos influenciar, dizem respeito a uma mesma pessoa, uma mesma paciente que pôde, ao longo desses anos de atendimento, demonstrar as passagens múltiplas desse cruzamento entre o tempo cronológico e o tempo das vivências. Ela foi apenas um dos exemplos que poderia trazer, mas representa bem as angústias pelas quais passamos a partir do momento em que nos prendemos apenas à rigidez do tempo. Muitas vezes essas angústias são necessárias, mas em outros casos bloqueiam nossa criatividade, nossos partos que permitem nos conscientizar de nossas vivências enquanto sujeitos.

**A presença de outro em mim mesmo**

A partir do momento em que o velho é o outro, pouco nos colocamos como indivíduos que envelhecem a cada respiro. A postura de achar que as pessoas que envelhecem são sempre as outras e não nós mesmos, inicia-se da prerrogativa negativa que a sociedade estabelece de que chegaremos a um fim, e que quanto mais próximos da finitude haverá menos caminhos possíveis para o pertencimento social.

Essa idéia de despertencimento ficou clara em meus atendimentos como acompanhante terapêutica, visto que muitos daqueles idosos se autotitulavam como incapazes, mesmo com o físico e o cognitivo preservados. Inicialmente não compreendia o que lhes impossibilitava de realizar novos sonhos, até que em determinado momento me pus a questionar sobre como nós vivenciamos o tempo que nos é dado. Conseguimos ter a consciência de todo o tempo, presente, passado e futuro que vivenciamos?

O envelhecimento junto aos idosos foi o objeto escolhido para que eu pudesse questionar a visão do tempo que esse público vivenciava, partindo do princípio do que já foi observado por Goldfarb, de que “os velhos mais

saudáveis são aqueles que apesar de possuírem uma clara consciência de sua finitude, continuam fazendo projetos possíveis dentro dos limites de sua particular expectativa de vida, e fundamentalmente de suas possibilidades vinculares."[55]. Entretanto, no trato com os pacientes era externalizado que muitos não se disponibilizam a realizar seus projetos e desejos por se sentirem imobilizados por um tempo estigmatizado de incapacidade, objetivo dado ao velho, que os impossibilita de ter consciência do tempo real em que estão.

Através do levantamento teórico a respeito de autores que discorrem sobre outra forma de vivenciar o tempo, a partir de uma dinâmica subjetiva, encontrei na fenomenologia de Merleau Ponty e de Bergson algo que se assemelhasse ao que queria compreender. Suas teorias nem sempre correm no mesmo trilho, divergem às vezes, mas não cabe neste texto problematizar a fundo suas considerações, e sim recorrer às suas concepções para ir além do senso comum abordado na temporalidade cronológica.

Bergson partia do princípio de que sofremos mudanças, alterações de estados, com muita constância, mas que, na maioria das circunstâncias, "compreendemos esses estados, no entanto, como blocos muito rígidos. Falamos dos mesmos como se acontecesse uma mutação espontânea, rápida"[56], deixando de vivenciar o tempo real em que as alterações ocorrem, partindo do princípio que cada momento da vida é essencial no processo de constituição subjetiva. As mudanças se tornam na consciência a partir do instante em que se tornam significativas para nós ou para os outros, como se aqui se desse o parto, a maiêutica, o nascimento da tomada de consciência de si. Caso esse processo, esse sistema natural, não seja contemplado de forma consciente, criativa, cairemos na objetividade que descrevo neste trabalho.

Tanto Merleau-Ponty, como Bergson enfatizam em seus estudos os momentos singulares de cada indivíduo que, apesar de efêmeros, carregam a potencialidade necessária para fazer parte desse processo plenamente.

Sendo essas as conclusões de ambos, com a compreensão de que fazemos parte do todo, e valorizando a continuidade como um fenômeno

[55] GOLDFARB, D. C., 1997, p. 56.
[56] COLA, C. 2008, p.48

essencial ao tempo, cabe dizer que conscientizarmo-nos das vivências é um exercício que todos devem praticar, independentemente da idade ou fase de vida. Bergson aponta o caráter de durabilidade das coisas como sendo semelhante a uma melodia ao dizer que,

> "Escute a melodia de olhos fechados, pensando apenas nela, não justapondo mais sobre um papel ou sobre um teclado imaginário as notas que concebeis assim uma pela outra, que aceitam então tornar simultâneas e renunciam à sua continuidade de fluidez no tempo para se congelar no espaço: encontrareis individida, indivisível, a melodia ou a porção da melodia que tiveres recolocado na duração pura. Ora, nossa duração interior, encarada do primeiro ao último momento da vida consciente, é alguma coisa como essa melodia. Nossa atenção pode se desviar dela e consequentemente de sua indivisibilidade; mas, quando tentamos a separar, é como se passássemos bruscamente uma lâmina através de uma chama: dividimos apenas o espaço ocupado por ela." [57]

Muitas vezes, em virtude de privilegiarmos aspectos sociais em função das necessidades de nossa existência e, do caráter seletivo de nossa percepção, preferimos privilegiar os aspectos superficiais dos fenômenos observados, deixando de avaliar e vivenciar as variações constitutivas do real. Assim, a partir do momento em que estamos em busca da tomada de consciência sobre o tempo real, devemos ter em mente que ele parte da criação, tendo em vista que "A irreversibilidade do tempo, dos acontecimentos, sua riqueza e maior complexidade relacionam-se à memória, mas sua imprevisibilidade deve-se tanto à memória quanto a um mecanismo interno e criador" [58]. Neste sentido, criar o novo aparece aqui como uma possibilidade do sujeito estar em constante contato com o seu interior, desvinculado do que lhe é colocado, mas pelo que é construído a cada momento, a cada percepção de si.

Mesmo que o objetivo desta pesquisa tenha sido como esse tempo real se articula no envelhecimento, o primeiro resultado que pude absorver foi que o problema perpassa o público, visto que todos nós, na maioria das vezes, nos

[57] BERGSON, 1972, p. 102
[58] COELHO, J. G. , 2004, p. 241.

prendemos ao passar dos segundos, minutos, horas e anos, utilizando-nos da estrutura cronológica como guia, como um marco e um direcionamento, esquecendo-nos de que o presente de cada vivência pode nos orientar por si só.

Após o estudo para este trabalho algumas inquietações permanecem. Partindo do princípio que muito deste aprisionamento está vinculado à forma como as pessoas se relacionam com o tempo que lhes é dado, quais seriam os caminhos possíveis para que não nos vinculássemos apenas à linearidade de cada segundo?

Muitas vezes utilizamos como guia o tempo que ainda temos para realizar algo, mas, afinal, o que nos impede de iniciar novos caminhos com o que há agora?

Tive o privilegio de vivenciar alguns partos, algumas pulsões de vida, a tomada de consciência de alguns sonhos que antes estavam encobertos por pré julgamentos exteriores e interiores aos sujeitos. Desse modo, acredito que, como acompanhante terapêutica, pude ajudar a dar voz a angústias e fazer com que barreiras pudessem ser repensadas.

Fazendo um paralelo, pensando que o tempo cronológico pode se beneficiar com o tempo das vivências, podemos olhar algumas das estrofes da composição *Oração ao Tempo,* que resume o que quis trazer neste trabalho.

Como ”compositor de destinos” [59], com o qual devemos entrar em acordo, traz o olhar do tempo como um guia que nos leva a viver conforme a consciência que temos sobre os nossos caminhos. “Por seres tão inventivo e pareceres contínuo”[60], muitas vezes nos prendemos a estruturas rígidas, instauradas de acordo com o tempo cronológico, sentindo-nos aprisionados, em especial o idoso cujo enrijecimento acaba por impossibilitar a vivência sadia junto aos seus partos subjetivos, vitais para a conscientização de si mesmos.

[59] VELOSO. C, 1979
[60] Ibid

**REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**


AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios.* Trad. Vinícios Nicastro Honesko – Chapecó, SC: Argos, 2009.

BARBIERI, Natália Alves. *Temporalidade e permanência: o eu e o outro de Jorge Luis .* São Paulo. *Rev. Kairós*, 9(2): 39-50, dez. 2006

BARBIERI, Natália Alves. *Doença, envelhecimento ativo e fragilidade: discursos e práticas em torno da velhice*. Tese de doutorado - Universidade Federal de São Paulo. Escola Paulista de Medicina. Pós-Graduação em Ciências da Saúde. Área de concentração: Saúde Coletiva. São Paulo, 2014.

_____*Escuta e criação de projetos: observações sobre a clínica do acompanhamento terapêutico e o envelhecimento.* In N.A. Barbieri & C. G. Batista (Org) . Travessias do tempo: acompanhamento terapêutico e o envelhecimento (p.77-93). Núcleo de Acompanhamento Terapêutico no Envelhecimento da Ger- Ações. – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

BERGSON, HENRI. *Mélanges.* Paris: PUF, 1972

_____ *Consciência e Vida,* Col. Pensadores, Ed. Abril, 1979.

_____ *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*, Edições 70, Lisboa, 1988.

_____ *A evolução criadora.* São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____*O pensamento e o movente: ensaios e conferências*; tradução Bento Prado Neto, Martins Fontes, São Paulo, 2006.

BIRMAN, Joel. *Futuro de todos nós: Temporalidade, memória e terceira idade em psicanálise*. in: Veras, R. Terceira Idade, um envelhecimento digno para o cidadão do futuro. RJ. Relume-Dumará. 1995.

COELHO, J. G. *Ser do tempo em Bergson*, Interface – Comunic., Saúde, Educ., v.8, n.15, p.233-46, mar/agor, 2004.

COLA, César. *Temporalidade em Bergson e Merleau-Ponty.* COGNITIVO-ESTUDOS: Revista eletrônica de Filosofia. São Paulo, vol. 5, n°1, janeiro-junho, 2008, p.46-51.

GOLDFARB, Délia Catullo. *Corpo, tempo e envelhecimento*. Dissertação de mestrado defendida no programa de Psicologia Clínica da PUC-SP, São Paulo, 1997.

GOLDFARB,D.C.& LOPES, R. G. da C. Interfaces necessárias entre a Psicogerontologia e o Acompanhamento Terapêutico. In N.A. Barbieri & C. G. Batista (Org) . *Travessias do tempo: acompanhamento terapêutico e o envelhecimento* (p.21-28). Núcleo de Acompanhamento Terapêutico no Envelhecimento da Ger- Ações. – São Paulo: Casa do Psicólogo,2013.

LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. *Velhos "indignos": investigação a respeito do projeto de vida de idosos que se mantêm socialmente ativos.* 1990. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1990.

KARNAKIS, Alexandra. *O tempo em Bergson: da duração psicológica a duração da vida*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós graduação em Filosofia da PUC. São Paulo. 1999.

MARTINS, Joel. *Não somos cronos, somos Kairós* – In. Revista Kairós, Gerontologia, ano 1, Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento - Programa de Estudos e Pós-Graduação em Gerontologia - PUC-SP, 1998.

MARTINS, Joel; BOEMER, Magali; FERRAZ, Clarice. *A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa: algumas considerações*. Ver. Esc. Enf. USP, São Paulo, 24(1): 139-147, abr.1990.

MESSY, Jack. *A pessoa idosa não existe*. Aleph, São Paulo. 1993.

MOREIRA, Virginia. *O Método Fenomenológico de Merleau-Ponty como Ferramenta Crítica na Pesquisa em Psicopatologia.* Psicologia: Reflexão e Crítica, 2004, 17(3), pp. 447-456.

MUCIDA, Ângela. *Escrita de uma memória que não se apaga – Envelhecimento e velhice.* Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

PEIXEIRO, M. H. (2013). *Sobre o Acompanhamento Terapêutico e sua abertura para o campo do envelhecimento: da loucura à velhice*. In N.A. Barbieri & C. G. Batista (Org) . *Travessias do tempo: acompanhamento terapêutico e o envelhecimento* (p.29-39). Núcleo de Acompanhamento Terapêutico no Envelhecimento da Ger- Ações. – São Paulo: Casa do Psicólogo.

SARTI, Cynthia A. *A Velhice na Família Atual.* Acta Paul Enf, v.14, n.2, p.91-96,2001.

SILVA, Kalina Vanderlei & SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. 2.ed., 2 reimpressão. São Paulo: Contexto, (pp.390- 393) ,2009.

REY, Fernando Puente. *O tempo* – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. – (Filosofias: o prazer de pensar / dirigida por Marilena Chaui e Juvenal Savian Filho).

TÓTORA, Silvana. *Velhice: uma estética da existência.* EDUC: FAPESP, São Paulo, 2015.

VAN DEN BERG, Jan Hendrik. *O paciente psiquiátrico: Esboço de psicopatologia Fenomenológica.* Editora livro pleno, 2000.

VELOSO, Caetano. *Oração ao tempo.* 1979. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Xcpf473RJ3E.

WHITROW. G. J. *O tempo na história: concepções de tempo da pré-história aos nossos dias*. Tradução, Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*; tradução Suzana Gontijo. – Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. 60p